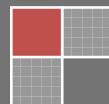




**SINCRETISMO RELIGIOSO JUDAICO –
CRISTÃO NA ZONA OESTE DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE**

ANTONIO SALES JOSÉ NETO
MARCOS ANTONIO FILGUEIRA
MOSSORÓ - 2011



DIOCESE DE SANTA LUZIA DE MOSSORÓ
CENTRO PASTORAL DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS – CENPACRE
Curso Superior de Iniciação Teológica - CSIT

**SINCRETISMO RELIGIOSO JUDAICO – CRISTÃO NA ZONA
OESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

Antonio Sales José Neto
Marcos Antonio Filgueira
(Orientador)

MOSSORÓ - RN
2005

OFERECIMENTO

Ofereço a dedicação e esforço deste trabalho ao Centro Israelita do Rio Grande do Norte - CIRN e a todos os membros da comunidade marrana de nosso estado na tentativa de partilharmos juntos nossos sonhos, histórias e tradições.

DEDICAÇÃO

Dedico este trabalho aos meus pais, que na sua humildade e amor me educaram para a vida; a Maria, esposa fiel e companheira dessa jornada e a meus amados filhos Artur e Ayrton, que com coração adolescente aprendem a amar o Judaísmo e Israel

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus pela força de cada dia e pela elaboração desta tarefa realizada
- Ao professor Marcos Antonio Filgueira, meu estimado e dedicado orientador, pelo apoio de sempre.
- Ao amigo e irmão Mons. Américo Simonetti, mestre e companheiro na mesma esperança.
- Ao grupo extensivo do CEBI, “Sal e Luz”, pela generosa partilha nos estudos e convivência.
- Aos amigos e amigas do CSIT, que ao longo de minha caminhada como aluno e professor abriram seus corações para um convívio próprio de irmãos.
- A todos entrevistados nesta pesquisa, que de coração aberto me acolheram com dedicada atenção.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo verificar a existência ainda hoje de hábitos ou costumes judaicos, na íntegra ou modificados, praticados por membros da população da Zona Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. Para isso considerou-se como dado inicial os costumes registrados pelo Monitório desde 1536, adaptados às necessidades do ano de 1591 e as citações encontradas durante as Visitações do Tribunal da Inquisição no Brasil. Além do mais se considerou as descobertas de costumes judaicos modernamente detectados em várias outras partes das Américas, praticados por descendentes daqueles perseguidos pelo Santo Ofício. Para tal foram selecionadas as localidades de Caraúbas, Apodí e Venha Ver. Foram aplicados questionários procurando cobrir os aspectos relacionados aos alimentos e seu preparo, à morte, referentes à preparação do corpo para o enterro, ao domicílio, relacionados à mulher e ligados à lua nova. Foram entrevistados 11 sujeitos do sexo feminino e com mais de 60 anos de idade. Verificou-se que a população ainda hoje pratica determinados atos reconhecidos como de origem judaica, a despeito do longo período que os separa dos primeiros cristãos-novos chegados ao Brasil. É possível que a preservação dessa memória ancestral seja, de fato, devido à origem judaica de pelo menos parte da população da região, mormente do Venha Ver, onde mais se registram manifestações nesse sentido.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO | 09
2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO | 11
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 14
 - 3.1. Aspectos relacionados aos alimentos e ao seu preparo | 14
 - 3.2. Aspectos relacionados à morte | 15
 - 3.3. Aspectos relacionados ao domicílio | 16
 - 3.4. Aspectos relacionados à mulher e ao ciclo vital | 17
 - 3.5. Manifestação à Lua nova | 18
4. CONCLUSÕES | 20
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA | 21
6. APÊNDICE | 22

1. INTRODUÇÃO

Com a diáspora judaica ocorrida no ano 70, tem início para o povo judeu um longo caminho errante que se prolongaria ao longo dos séculos, trazendo em seu âmago a marca da perseguição e a luta pela sobrevivência. Algumas famílias imigraram para as regiões asiáticas, outras fixaram sua residência no ocidente. Na península ibérica, até o presente não tem sido possível datar com precisão o momento inicial dessa presença. Durante a dominação árabe, gozaram de relativa liberdade (POLIAKOV, 1961) e neste ambiente, os judeus começaram a desenvolver, na Espanha, uma atividade cultural que é tida como a “Idade de Ouro” da história judaica na diáspora. Juntamente com os seus parentes árabes, os judeus conheceram dias de esplendor intelectual que durou do século IX ao XIII. Para Filgueira (1994, p. 3) “foram os vanguardeiros do conhecimento quando ler e escrever constituía privilégio de reduzida minoria e esta, no geral formada por judeus”.

Com o estabelecimento da Inquisição, primeiro na Espanha e depois em Portugal, foram vítimas de perseguição atroz que culminou com os processos de conversão forçada, transformando-os nos *cristãos-novos* ou *marranos* (LIPINER, 1998). Refugiaram-se nos mais variados países e nessa peregrinação deram com os costados no Brasil a partir do seu descobrimento. Aportaram aqui já com nomes portugueses. Segundo se afirma, talvez com algum exagero, nessa época, em cada três portugueses, um era cristão novo ou judeu.

O aumento dessa população cristã-nova tanto preocupou a Igreja Católica que por várias ocasiões, esta mandou para cá visitadores a fim de curar as almas da população do Brasil nascente, sendo a primeira visita realizada no intervalo de 1593 – 1595, em Pernambuco (MENDONÇA, 1984). Os objetivos das visitas incluíam entre outras coisas, investigar denúncias de que “indivíduos da nação”, apesar de aparentemente professarem o catolicismo, observavam os ritos e costumes judaicos em segredo nos seus lares. Utilizavam para isso a carta monitória¹ publicada no Brasil, composta por Dom Diogo da Silva, que já era utilizada em Portugal desde 1536, sendo que aqui fora adaptada às necessidades do ano de 1591. Estes judaizantes foram a presa mais importante da inquisição no Brasil.

¹ A Carta Monitória consistia em uma listagem de práticas heréticas, condenadas pela Igreja Católica.

No Nordeste, dispersaram-se a partir da Bahia e Pernambuco mesclando-se com os cristãos-velhos, estando na raiz de praticamente todas as famílias nordestinas. Muitos deles continuaram a respeitar, às escondidas, as práticas ancestrais e ainda em 1740 o tribunal da inquisição prendia na Paraíba os descendentes dos marranos das famílias Nunes, Fonseca e Rego, por práticas heréticas muitas das quais já mescladas com o pensamento cristão predominante desde o início da colonização (NOVINSKY, s.d.; MEDEIROS FILHO, 1997). Descendentes dessas famílias se estabeleceram na região compreendida entre Martins, Portalegre e regiões circunvizinhas, existindo alguns núcleos familiares isolados que repetidamente são citados como de origem judaica como é o caso da comunidade do Venha Ver (VALADARES, 1989), pequena cidade cravada entre montanhas, situada na zona oeste do estado do Rio Grande do Norte, cujos moradores ainda preservam antigos hábitos e crenças de seus antepassados, entre eles, o ato de amortalharem seus mortos em branco.

Como até o presente apenas um trabalho foi efetuado nessa região sobre esse assunto, (CUKIEKORN & LANDE, 2004) objetiva-se estudar a possível existência, ainda hoje, de sincretismo religioso de origem judaico-cristão, na população da chamada Zona Oeste do RN, decorrente do estabelecimento de famílias de origem cristã-nova.

7. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O procedimento metodológico utilizado foi o de aplicação de entrevistas temáticas baseadas em estudos já efetuados sobre os marranos nas Américas (HALEVI, 2004; LIPINER, 1998; MENDONÇA, 1984). Fixou-se naqueles itens mais prováveis de ainda serem encontrados no cotidiano da população das regiões estudadas. Práticas como a circuncisão ou a guarda do sábado dentre outras, não foram consideradas tendo em vista a quase impossibilidade de estarem ocorrendo de forma consciente ou inconsciente ainda hoje na região. Assim definiu-se como importantes na pesquisa, aspectos agrupados da seguinte maneira:

1. Aspectos relacionados aos alimentos e ao seu preparo, enfocando proibições (carne de porco, sangue e mistura de carne com leite); matança ritual de aves;
2. Aspectos relacionados à morte referentes à preparação do corpo para o enterro (limpeza, mortalha), ao período do enterro, ao período do luto, ao comportamento após a morte (cobrir os espelhos da casa, derramar a água da casa)
3. Aspectos relacionados ao domicílio tais como forma de realizar a limpeza da casa, direção da cama e comportamento em relação à mesa.
4. Aspectos relacionados à mulher como menstruação, parto e resguardo, nascimento e batismo.
5. Aspectos ligados à lua nova.

Com vistas à aplicação dos questionários foi definida a escolha de 11 sujeitos, todos do sexo feminino e de idade avançada, na faixa de 63 a 90 anos de idade, mais conservadoras e assim menos afetadas pelos aspectos modernizantes da vida atual (Apêndice 1).

Cada entrevista foi feita por um único entrevistador, após verificar que as características dos sujeitos correspondiam ao padrão pré-definido.

As pessoas entrevistadas eram originadas de municípios onde supostamente se teriam estabelecido descendentes de cristãos-novos como Caraúbas (influência dos Fernandes Pimentas), Apodí (influência dos Nogueiras, Lucenas, Pinto) e Venha Ver por demais citado como tendo abrigado um núcleo marrano refugiado da Inquisição. Estas famílias, embora tenham epicentro

nas cidades mencionadas, expandiram-se pela circunvizinhança na região que se convencionou chamar de Zona Oeste do Estado do Rio Grande do Norte.

Conhecido nacionalmente por suas peculiaridades e tradições próprias, a cidade de Venha Ver localizado na divisa do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, se destaca no meio oeste por sua singularidade, por guardar vestígios da possível origem judaica de sua população. De onde vieram os habitantes de Venha Ver? Ninguém sabe. Como também é desconhecida a origem do nome. É provável que venha da fusão da palavra “vem” (do verbo vir em português) com o termo hebraico “chaver” (pronunciado por raver), que significa amigo, companheiro. Tradicionalmente considera-se que a palavra teria se originada do diálogo entre uma escrava e seu senhor quando aquela, posta em dúvida uma sua narrativa, teria dito: “Venha Ver”.

Um segundo pólo onde supostamente, teriam se estabelecido descendentes de cristãos novos, e que também faz parte desta pesquisa, é o município de Caraúbas, cidade centenária, marcada acima de tudo por um forte sincretismo religioso e que revela em alguns de seus traços, sinais evidentes de uma cultura quinhentista. Têm predomínio na origem da cidade, os troncos familiares dos Fernandes Pimenta, com fama de cristãos-novos (MEDEIROS FILHO 1981) dos Gurgéis, além de outros elementos importantes que deram origem ao povoamento. Como exemplo, destaca-se a figura de Francisco de Souza Falcão, através do qual se estabeleceu em algumas adjacências do município, a família cabocla, dos sítios por nome de Cachoeira e Mirandas. Segundo Filgueira (1994, p.58), “a seiva genética dos Fernandes Pimenta se espalhou por todo o Rio Grande do Norte, principalmente na Zona Oeste e no Seridó. A cidade de Caraúbas e adjacências foi intensamente povoada por essa família, ali se misturando com os Gurgéis dentre outras”. Origina-se ainda dessa linhagem, a família do “Sabe muito”, da antiga freguesia do Apodi, tendo como tronco a Antonio Fernandes Pimenta, neto do fundador desse grupo familiar.

O terceiro pólo da pesquisa, o “Sítio do Góis”, está localizado no município do Apodi, muito próximo ao anterior, onde também se supõe que cristãos-novos tenham se estabelecido. O Tronco da família Góis de Caraúbas, por exemplo, seria uma ramificação dos chamados Góis, do Olho D’água da Garrafa, próximo a esse povoado. Através do casamento de José de Góis Nogueira (descendente de Manoel Nogueira de Lucena) com Eduvirges Maria da Conceição (dês

cedente dos Fernandes Pimenta e Filgueira), se explicaria a genealogia dos Góis (BRITO & OLIVEIRA NETO, 1998).

De posse dos relatórios das entrevistas transcritas foram procedidos os trabalhos de leitura e discussão arrumando o discurso dos sujeitos dentro dos aspectos já acima relatados.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

8.1. Aspectos relacionados aos alimentos e ao seu preparo

A respeito do item carne de porco pode-se verificar que dos entrevistados, 6 deles não apresentam nenhuma restrição ao seu consumo enquanto que os restantes (5) não fazem uso deste tipo de carne, aqui compreendidos todos os três de Venha Ver. Os argumentos para o consumo se prenderam ao sabor da carne e os contrários se referiram ora a que não era bem tratada, ora que seria prejudicial à saúde e “carregada”. O que parece estar por trás da ojeriza a essa carne em todo o Nordeste parece ser em parte a recomendação bíblica (Lv 11:7) e em parte o conhecimento da periculosidade do seu consumo quando não é feito de forma higiênica, um argumento reforçando o outro.

A matança de aves referenciada na carta monitória, procurava verificar a maneira como era feita: se cortando a garganta, por exemplo, de galinhas, de acordo com a recomendação rabínica, ou torcendo o pescoço. Na presente pesquisa pôde-se constatar que cinco pessoas matam galinhas cortando o pescoço e pendurando a ave para a retirada do sangue (dentre estes todos os de Venha Ver) e o restante torcem o pescoço da ave.

Com relação ao consumo de sangue há explícita condenação bíblica (Lv 7:26; Dt 12:16), mas a recomendação rabínica aprofunda-se até ao caso de ovos com alguma pinta de sangue. No primeiro caso, a maioria não apresentou qualquer prevenção quanto ao seu consumo (9) enquanto que os restantes (2) não fazem uso do sangue na alimentação pela repugnância que isso trás. Quanto a ovos manchados de sangue houve completa unanimidade pela negativa.

Muito interessante foi observar-se ainda hoje a prevalência na população estudada de não se misturar leite com carne. Dentre as pessoas consultadas nada menos que oito não realizam essa mistura e dentre eles todos os do Venha Ver. A argumentação geral é de que a mistura pode fazer mal. A senhora Maria Bernarda de Aquino, de 75 anos, natural do Venha Ver chegou a dar um exemplo fatídico em sua própria família pelo descumprimento dessa regra. A importância da permanência dessa proibição se deve ao fato de que não há recomendação desse teor na Bíblia de onde a população pudesse ter aprendido, não tendo surgido essa tradição senão de fonte rabínica. Na Bíblia o que há é apenas a recomendação de não cozinhar o cabrito no leite de sua própria mãe (Ex 23:19)

3.2. Aspectos relacionados à morte

A prática oriental de lavar os mortos, que foi um dia efetivamente seguida pelos marranos, não está hoje tão difundida pelos vários rincões nordestinos, embora seja ainda encontrada aqui e acolá (RESENDE *et al.*, 1996). No entanto, essa prática, sem dúvida trazida pelos cristãos-novos, está bem representada na área do estudo pois apenas um dos entrevistados não a menciona. Além do mais, todos se referiram ao amortalhamento utilizando pano inteiriço a que não se corta pedaço. Cinco dos sujeitos da pesquisa indicam que a cor utilizada era branca enquanto os demais além de indicar o branco, ainda mencionam a cor azul, roxo, marrom e preto.

Cortar o cabelo, a barba e as unhas como parte do ritual fúnebre, foram mencionados por todos os entrevistados que diferiram, contudo quanto ao local de colocação desse material. Para alguns o material cortado deve ser enterrado sob a copa de uma árvore de modo que nada possa retirar, para outros deve ser escondido por algum tempo e para a maioria (5), deve ser enterrado junto com o defunto.

Cobrir os espelhos da casa, outra prática usual entre os antigos cristãos-novos quando havia falecimento na família, encontra-se mencionada apenas por três pessoas, uma delas indicando a retirada de todos os espelhos das paredes onde estiverem. Nenhum da área do Apodí (Góis) mencionou essa prática. É comum porém que durante a semana santa, alguns cristãos cubram todas as fotos de santos existentes em sua casa, talvez como uma extensão da antiga prática judaica.

Quanto ao antigo hábito marrano de derramar toda a água da casa quando do falecimento de alguém da família, já agora foi mencionada apenas em Venha Ver. Temia-se que o anjo da morte viesse lavar sua espada na água da casa. Veja-se por exemplo a confissão de Nicolau Faleiro à mesa inquisitorial em 29 de julho de 1591, sobre a sua esposa D. Ana (LIPINER, 1969). Com alguma ligação a esse hábito há espalhado por todo o Nordeste o nojo do defunto, que leva a que não se beba água na casa do morto no dia do seu velório e banhar-se e lavar toda a roupa na volta do cemitério. Esse preceito provém do Pentateuco, fixado no capítulo 19, 14-15 do livro Números, declarando impura a água de todo o vaso aberto, sobre a qual não houver tampa fortemente fechada, na casa onde morreu alguém.

3.3. Aspectos relacionados ao domicílio

Segundo se afirma, a lembrança de que no passado no lar de cada marranos havia uma *mezuzá*² na porta, teria influenciado a maneira de realizar a limpeza da casa, não se varrendo o lixo pela porta da frente (HALEVI, 2004). A *mezuzá* consiste de uma pequena caixa contendo o texto da Torá³ referente ao *Shemá*⁴, recomendado em Dt 6:4 - 9 e que contem o nome de Deus e por isso seria blasfemo fazer passar o lixo pela sua proximidade. É esse um dos hábitos mais arraigados em todo o Nordeste sob a crença de que se assim se procede varre-se a fortuna da casa, atraindo a desgraça para a família. Tal comportamento foi confirmado na presente pesquisa quando se observou que todas as pessoas inquiridas responderam que não varrem o lixo pela porta da frente pelas razões já acima apontadas. Observa-se ainda hoje em todo o interior do Nordeste, o hábito de colocar fotos de santos católicos ou estrela de Davi nas portas como proteção. É possível que essa prática, tal como ocorreu em Portugal seja resultante da mistura das duas fés.

Da mesma forma, a consideração e o respeito que se tem com relação à mesa, pode estar ligado com o fato de que já não havendo o templo, o lar do judeu assume este papel com a mesa passando a representar o altar. Contudo o conceito unânime da santidade da mesa pode ter influência mais distante e não diretamente judaica ou cristã.

Até a arrumação e orientação da cama dentro de casa foi objeto de consideração rabínica, como atesta Halevi (2004), recomendando-se a direção norte-sul. Na presente pesquisa, quando perguntados a respeito de que orientação se deve dar a cama, as respostas variaram bastante com apenas duas pessoas indicando a orientação norte-sul. As demais citaram que as posições em que se devem colocar os pés da cama são: em direção a entrada da casa (3), em direção ao nascente (3) e outros se mostraram indiferentes (3) o que demonstra alheamento a essa recomendação.

². A *mezuzá* é uma caixa tubular de madeira, vidro ou metal, em geral de 3 a 4 polegadas de comprimento, contendo um pedaço pequeno de pergaminho, no qual em 22 linhas estão escritas passagens bíblicas que fazem parte do "shemá" (oração da unicidade de Deus). É afixada na porta, no umbral direito de quem entra.

³ Torá é muitas vezes traduzida como Lei. Compreende os livros Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, a palavra também serve para designar essa unidade, também conhecida como Pentateuco (da expressão grega para cinco pergaminhos), ou os cinco livros de Moisés.

⁴ Shemá é a oração máxima do judaísmo e que começa com *Shemá Israel* (Ouve Israel) Ver Dt 6:4 - 9.

3.4. Aspectos relacionados à mulher e ao ciclo vital

Com respeito ao período de resguardo após o parto, há recomendação de que no caso da criança ser do sexo masculino a mulher se abstenha de relação sexual e de ir a sinagoga por quarenta dias e no caso de fêmea, por oitenta dias. Essas recomendações são de origem rabínica (HALEVI, 2004) e Bíblica (Lv 12:1-6).

Na presente pesquisa pode-se observar que apenas duas entrevistadas se referem ao período de exclusão de 40 dias sem ir a Igreja ou manter relacionamento sexual, enquanto que as demais mencionam um período aproximado de 30 dias. Quanto à extensão do período de impureza feminina, apenas uma delas afirmou que quando o recém nascido é fêmea, o período de descanso é maior, tal como citado nas fontes religiosas (Lv 12:5).

A não exposição dos recém nascidos ao escuro, prática antiga ligada à crença no demônio feminino Lilit, foi lembrado apenas pelos sujeitos de Venha Ver. As das demais localidades não apontam nenhum problema quanto a essa exposição considerando que os bebês ainda não receberam a luz do batismo, embora a senhora Rita Gonçalves de 72 anos, tenha lembrado que é prática comum acender uma vela após o primeiro banho dado na criança. Lilit é citada no Talmude⁵ (citado em Histórias do Povo da Bíblia, 1967, p.61), como tendo sido a primeira mulher de Adão e que tendo se mostrado rebelde, pronunciou o nome de Deus e desapareceu, passando desde então a possuir poder sobre as criancinhas durante seus oito primeiros dias de vida, se menino, e vinte dias se menina. Razão porque durante os dias que precedem à circuncisão é prática não se deixar os meninos no escuro.

A prática da circuncisão (Lv 12:3) que motivou o primeiro Concílio cristão em Jerusalém (Atos 15), já no período colonial não era praticado pela maioria dos cristãos-novo. Esse antigo rito de entrada no judaísmo, foi substituído no cristianismo pelo rito do batismo sendo raro no Nordeste atual, a não ser nos casos recomendados pela medicina. Foi interessante observar, porém, que a maioria (sete entrevistados) afirma que o batismo deve ser feito ao oitavo dia de nascido, prazo este que não é uma recomendação cristã, mas que parece ser uma prática sincrética de substituição da circuncisão pelo batismo.

⁵ Talmude é o código das leis e tradições judaicas pós-bíblicas, passado a escrito em duas versões principais, a do T. da Palestina (c. 200 d.C.) e a do T. da Babilônia (c. 400 d.C.). Constam da Mishná ou texto fundamental e da Gemara, seu comentário.

3.5. Manifestação à Lua nova

Como lembra Cascudo (1984), o que ainda nos chega hoje de crenças relacionadas com os astros, é de evidente origem oriental. Uma dessas práticas é a de fazer orações à lua nova, outrora bastante difundida em todo o Nordeste e que deve ter sido trazida para cá pelos cristãos-novos. Como diz o Talmude babilônico, *Sukkah*⁶ (citado por Satinover, 1997, p. 271) “As nações fazem seus cálculos pelo sol, mas Israel os faz pela lua” e isso baseado sem dúvida na Bíblia (Sl 104:19) que afirma que Deus fez a lua para marcar o tempo. Por isso ainda hoje se celebra com orações a chegada da lua nova nas Sinagogas Ortodoxas. Cita-se, por exemplo que em 1914, em Safed, pequena cidade localizada no Nordeste de Israel, o rabino Shlomo Eliezer saiu para abençoar a lua nova profetizando a grande guerra que em meses aconteceu.

Algumas das orações que foram recolhidas pela inquisição e aquelas ainda hoje recitadas pelos criptojudeus⁷ de Belmonte em Portugal mostram o grau de deturpação e adaptação que sofreram ao longo dos anos de isolamento a que estavam submetidos os marranos. Uma delas se refere à lua nova como segue (citado por Pernidji, 2002, p. 226):

*“Lua nova, Deus te salve!
de todo o perigo me segures
Assim como tu és nova e velha
assim o Senhor me faça uma boa serva;
assim como eu te não posso chegar,
assim ninguém me possa alcançar”*

Também aqui, na região pesquisada, observou-se que a maioria das entrevistadas faz orações à lua nova (7) exceto as da região do Apodí (4). Uma delas, a senhora Maria Joaquina da Silva, de 92 anos, originada do Venha Ver, recitou essa antiga oração dizendo ainda que as orações devem ser feitas por nove sextas-feiras para que possa ser atendida:

⁶ *Sukkah* significa cabana. Neste sentido, porém, refere-se à parte do Talmude que trata das festas judaicas.

⁷ Criptojudeus: cristãos-novos que externamente praticavam o cristianismo e em oculto continuavam a seguir o judaísmo.

*“Lua nova
Lua resplandecente
Quando você for e vier
Carregue esta semente”*

Afirmaram ainda que fazem pedidos de saúde, paz e sorte para toda a família. Rita Gonçalves Maia de 72 anos afirmou que ora para a lua nova porém mais enfaticamente a São Jorge, solicitando sorte e aquilo que mais precisa.

Assim, tal como se esperava, o fato do povoamento da região pesquisada ter recebido a efetiva contribuição dos descendentes dos antigos marranos e cristãos-novos, permitiu que ainda se pudesse detectar a existência de algumas de suas antigas práticas religiosas já agora mescladas ou deturpadas. Em alguns casos o pesquisador se surpreende ao encontrar certos hábitos tão antigos ainda sendo praticados como: não misturar carne e leite, lavar o morto e amortalhá-lo, derramar a água da casa pelo falecimento de alguém ou mesmo cobrir os espelhos ou santos pelo mesmo motivo. Em outros casos nota-se que o hábito foi vencido e já não se pratica na sua inteireza. O exemplo aqui seria a prevenção quanto a não comer sangue, tão forte no âmbito judaico e já agora tão esmaecido, ou até mesmo o ato de comer carne de porco que pelo seu sabor, durante o período inquisitorial já havia conquistado muitos cristãos-novos.

Como não restam memórias do motivo religioso ancestral, era esperado que surgissem diversas explicações pela manutenção dessas práticas ainda hoje. Assim, explica-se que o porco transmite doenças, varrer pela porta da frente joga fora a boa fortuna, misturar leite e carne faz mal ao estômago, a reverência à lua nova está ligada a adoração a São Jorge e assim por diante.

Na verdade, o que emerge das observações na região pesquisada, é o que resta da memória do que pode ter sido a crença dos ancestrais, dos primitivos povoadores de origem marrana na região. Inicialmente tendo origem nesse pedaço de Israel que se aventurou no Nordeste e depois, por contaminação, sendo praticado mesmo pelos Cristãos-velhos que por sua vez, miscigenando-se, vieram também a fazer parte da semente de Jacó.

9. CONCLUSÕES

Do presente estudo concluiu-se que embora seja atualmente impossível comprovar que a região tenha de fato sido colonizada por cristãos-novos ou marranos, é inegável que parte da população apresenta alguns costumes que se identificam com antigas práticas de origem judaica, apontadas em documentos inquisitoriais do período colonial e que são também constatados ainda hoje nos descendentes em outras partes do Brasil e das Américas. Observou-se que essa memória, na maior parte apresenta-se mais marcante nos entrevistados originados do município de Venha Ver.

10. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BIBLIA SAGRADA, tradução de João Ferreira de Almeida, 2ª ed, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRITO, R. S. de & OLIVEIRA NETO, J. de. **Góis Nogueira – Um ramo da família Camboa (Notas)**. Mossoró, Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 1013, 1998, 117 p.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro II**, 5ª ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1984, 811 p.

CUKIERKORN J. & LANDE, R. H. **Sheaar Yashuv - A Remnant Returns - Searching for Brazilian Marranos** (<http://www.kulanu.org/brazil/returns.html>). Acessado em 1998.

FILGUEIRA, M. A. **Os Judeus Foram Nossos Avós**, Mossoró, Coleção Mossoroense, Série C, Nº 840, , 1994, 138 p.

HALEVI, S. **Anusim in North America. The Ingathering** (<http://www.cs.tau.ac.il/~nachumd/sch/sch/anusim.html>), 2004.

HISTÓRIAS DO POVO DA BÍBLIA – **Relatos do Talmude e do Midrasch**, São Paulo, Perspectiva S. A., 1967, 375 p.

LIPINER, Elias. **Os Baptizados em Pé - Estudos a cerca da origem e da luta dos cristãos-novos em Portugal**. Lisboa, Vega, 1998. 492 p.

_____ **Os Judaizantes nas Capitanias de Cima**. São Paulo, Brasiliense, 1969.

MEDEIROS FILHO, O. de **Aconteceu na Capitania do Rio Grande**. Natal, 1997, 205 p.

_____ **Velhas Famílias do Seridó**. Brasília, 1981.

MENDONÇA, H.F. de. **Denúncias e Confissões de Pernambuco (1593-1595)**. São Paulo, Ed. Paulo Prado. 1984.

PERNIDJI, J. E. **Das Fogueiras da Inquisição às Terras do Brasil**. Rio de Janeiro, Imago, 2002
270 p.

POLIAKOV, L. **De Maomé aos Marranos.**, São Paulo, Perspectiva, 1961.

RESENDE, A. L. M de; SANTOS, G. F. dos; CALDEIRA, V. da P. e MAGALHÃES, Z. R. **Ritos de Morte na Lembrança dos Velhos**. Florianópolis, UFSC, 1996.

SATINOVER, J. **A Verdade Por Trás do Código da Bíblia**. São Paulo, Pensamento, 1997, 343
p.

VALADARES, P. O Mistério do “Venhaver” e o Dibuk sertanejo (I), **O Hebreu**, São Paulo, 106:18-19, jan/fev.,1989.

APÊNDICE
Questionário Para Entrevista

Entrevistado/a: _____

Local de nascimento: _____ Idade: _____

Questões:

1. Com relação aos alimentos e sua preparação

Se comem porco. Se não, por quê?

Matança de aves: torcendo o pescoço _____ ou cortando-se e pendurando a ave _____

Se comem sangue _____ Se não, por quê?

Se comem ovos com pintas de sangue _____

Se tem algum problema misturar leite e carne _____ Se sim, por quê?

2. Com relação à morte.

Se lavam o cadáver antes de vestir a mortalha

Se a mortalha tem que ser inteira _____ Se pode ser costurada _____ Qual a cor da mortalha _____

Se cortam as unhas e a barba do defunto e onde as colocam.

Se cobrem os espelhos da casa quando morre alguém _____

Se derramam toda a água da casa quando morre alguém _____

Se o defunto tem que ser enterrado no mesmo dia da morte _____

Qual o período de luto. Sete dias? Mais dias?

Quais as modificações no comportamento dos parentes?

3. Com relação à casa

Se varrem a casa de dentro para fora, pela porta de traz ou de outro jeito Por quê?

Qual a direção certa da cama com relação ao eixo norte-sul?

O que se pode ou não se pode colocar ou fazer sobre a mesa onde se faz refeições?

4. Com relação à pessoa

Que se recomenda fazer com as unhas e os cabelos cortados?

Quantos dias após o parto a mulher pode ter relações com o marido?

Se a criança for do sexo masculino o tempo de resguardo é o mesmo?

A criança pagã pode ficar no escuro? Se não, por quê?

Com quantos dias a criança tem que ser batizada? _____

Que atitudes especiais se observa com a mulher menstruada?

5. Com respeito à lua nova e as estrelas

Se fazem pedidos ou orações à lua nova. Quais orações são feitas?

Se tem problema contar estrelas ou o que se esta ganhando no jogo.

6. Alguns termos

Sinagoga ou Esnoga

Carapuça